ISSN 1982-3541
2012, Vol. XIV, nº 3, 102-122

Revista Brasileira
de Terapia Comportamental
e Cognitiva

Role-playing como estratégia facilitadora da análise funcional em contexto clínico

Role-playing as strategy to facilitate functional analysis in clinical context

Vivian Bonani de Souza ✉
Universidade Estadual Paulista - "Júlio de Mesquita Filho"

Natália Pinheiro Orti
Universidade Estadual Paulista - "Júlio de Mesquita Filho"

Alessandra Turini Bolsoni-Silva
Universidade Estadual Paulista - "Júlio de Mesquita Filho"

RESUMO

Na terapia analítico-comportamental, utilizam-se diversas técnicas, entre elas o *role-playing* e a análise funcional. O *role-playing* é viável para modelar comportamentos relevantes, enquanto a análise funcional é utilizada para avaliação diagnóstica e para produzir autoconhecimento. Entretanto, algumas queixas apresentam características que dificultam a produção de autoconhecimento, sem o qual o cliente pode não aderir à modelagem de repertórios alternativos. O presente trabalho busca exemplificar a associação de *role -playing* e análise funcional enquanto procedimento para facilitar o desenvolvimento de autoconhecimento em clientes com *déficits* de discriminação de relações funcionais e dificuldades interpessoais. Uma sessão foi selecionada, de um total de 12 encontros em grupo. Como resultado principal, destaca-se o aumento de autorrevelação e discriminação de relações funcionais pelos clientes. Conclui-se que o *role-playing* possa ser ambiente para ensinar o cliente a descrever relações funcionais e produzir autoconhecimento diante de queixas interpessoais e dificuldade de discriminação das contingências em vigor.

Palavras-chave: análise funcional; *role-playing*; terapia analítico-comportamental.

✉ vivinha_souza@yahoo.com.br

ABSTRACT

In behavioral therapy several techniques are used, among them the role-playing and functional analysis. Role-playing is feasible to model relevant behaviors while functional analysis is used for diagnostic evaluation and to produce self-knowledge. However, some clinical problems have characteristics that hinder the creation of self-knowledge, without which the client may not develop the modeling of alternative repertoires. This study aims to illustrate the combination of role-playing and functional analysis as a procedure to facilitate the development of self-awareness in clients with deficits in discrimination of functional relations and interpersonal difficulties. A session was selected from a total of 12 group meetings. The main result was the increase of self-revelations and discrimination of functional relationships by customers. It is concluded that the role-playing can be an environment to teach the client to describe functional relations and produce self-knowledge when facing interpersonal problems and difficulties on the discrimination of the actual contingencies in place.

Keywords: functional analysis, role-playing, behavior therapy.

INTRODUÇÃO

A análise funcional tem sido referida como recurso descritivo e explicativo que pode subsidiar a Análise do Comportamento enquanto ciência (Skinner, 1953/1989), assim como estratégia ou método de intervenção em terapias comportamentais (Hayes & Follette, 1992; Neno, 2003; Owens & Ashcroft, 1982; Samson & McDonnell, 1990; Ulian, 2007). Embora haja controvérsias sobre o termo, sua definição e caracterização das tarefas envolvidas, parece que há consenso entre os analistas do comportamento clínicos que sua atividade básica é a análise funcional (Banaco, 1999).

A partir do modelo de seleção por consequências de Skinner (1953/1989), a análise funcional estará associada a uma noção selecionista e não mecanicista de causalidade. Disso decorre que se prioriza o reconhecimento de múltiplas determinações das consequências do comportamento nos diferentes níveis (filogênese, ontogênese e cultura) e o efeito de tais consequências sobre a probabilidade de emissões futuras de comportamentos pertencentes à mesma classe (Micheletto, 2000; Neno, 2003). Desse modo, a análise funcional requerida passa a ser aquela que identifica relações de tríplice contingência responsáveis pela aquisição e manutenção de repertórios comportamentais (Neno, 2003; Ulian, 2007).

Com relação à conceituação da análise funcional aplicada à clínica, reconhece-se que importantes tentativas de sistematização foram feitas (Meyer, 2003; Sturmey, 1996), as quais descrevem as variáveis que devem ser identificadas nas contingências em operação. Para além de ser um conceito que identifica relações de contingências, a análise funcional é compreendida como um instrumento de trabalho do terapeuta, o qual pode atender a dois objetivos terapêuticos distintos: avaliação e intervenção. Sturmey (1996) explicita que a análise funcional pode ser considerada como parte do próprio tratamento, visto que no processo terapêutico, ensina-se o cliente a identificar e a modificar elementos

das contingências comportamentais, o que promove o desenvolvimento de autoconhecimento e autocontrole (Skinner, 1953/1989; Sturmey, 1996; Ulian, 2007; Vandenberghe, 2002). Para Goldiamond (1974/2002), desenvolver autoconhecimento, enquanto objetivo comportamental na terapia, requer o emprego de perguntas que levem o cliente a descrever contingências e aprender a estabelecer relações funcionais de seu próprio repertório comportamental.

Para o processo de análise funcional em contexto aplicado, Goldiamond (1974/2002) propõe um modelo construcional de avaliação e de intervenção a partir de interdependências comportamentais e de causalidade múltipla, considerando variáveis históricas e contingências atuais relacionadas aos problemas. Adicionalmente, é importante para o ensino dessas discriminações o uso de estratégias colaborativas, construídas em conjunto com o cliente (Webster-Stratton & Herbert, 1993).

A partir da identificação de contingências relacionadas aos problemas, a intervenção deve focar na construção de repertórios mais do que na eliminação de sintomas ou comportamento-problema, levando em consideração a ecologia do comportamento, ou seja, as interdependências comportamentais e os vários sistemas sociais envolvidos nas contingências (Bolsoni-Silva, Loureiro, Rosa & Oliveira, 2010; Goldiamond; 1974/2002). Dessa forma, os repertórios de habilidades sociais podem assumir a função equivalente aos comportamentos -problema, podendo ampliar a obtenção de reforçadores obtidos com os sintomas ou comportamentos que traziam, além de reforçadores, outras consequências como prejuízos sociais (Bolsoni-Silva & Carrara, 2010).

O desenvolvimento de habilidades sociais, enquanto possibilidade de favorecer as relações interpessoais e criar fatores de proteção no curso do desenvolvimento humano, tem se tornado foco de estudos para a Psicologia em diversos contextos, com diferentes populações. As habilidades sociais foram amplamente caracterizadas por Del Prette e Del Prette (1999/2001) e, mesmo não havendo consenso quanto às suas definições e aplicabilidades (Del Prette, Del Prette & Barreto, 1999), assume-se que as habilidades sociais são comportamentos emitidos pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal. Para a pessoa ser considerada competente socialmente, a emissão de tais habilidades deve maximizar os ganhos e reduzir as perdas nas interações sociais (Del Prette & Del Prette, 1999/2001).

Apesar de ainda ser restrito o número de estudos na Análise do Comportamento (Del Prette & Del Prette, 2010), resultados demonstrados por alguns autores (Bolsoni-Silva & Carrara, 2010; Del Prette & Del Prette, 2010; Pacheco & Rangé, 2006) têm contribuído para o desenvolvimento de estratégias e processos de intervenção no contexto clínico analítico-comportamental.

Considerando a necessidade de interpretar e empregar as habilidades sociais sob a perspectiva da Análise do Comportamento, Bolsoni-Silva (2002) iniciou uma análise de aspectos teórico-práticos das habilidades sociais, o que tem contribuído para a elaboração de procedimentos de intervenção com a intenção de ampliar o repertório comportamental em contingências de interação social. As habilidades sociais, para a Análise do Comportamento, podem ser entendidas como comportamentos operantes, portanto, mantidos por suas consequências

(Bolsoni-Silva, 2002) e que podem maximizar a obtenção de reforçadores positivos e negativos em contingências sociais. Nesse sentido, entende-se que o Treinamento em Habilidades Sociais pode ser feito de forma coerente com a filosofia do Behaviorismo Radical e os conceitos e técnicas da Terapia Analítico-Comportamental.

Especificamente, as habilidades sociais podem ser foco de intervenção em diferentes contextos e populações, conforme apontado por Del Prette e Del Prette (1999/2001), tanto individuais como em grupos (Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira & Souza, 2005; Boas, Silvares & Bolsoni-Silva, 2005; Bolsoni-Silva, 2007, 2009a; Pacheco & Rangè, 2006). Em relação ao contexto universitário, considera-se que o ingresso nesse ambiente traz muitas mudanças e transformações sociais e assim novas demandas são exigidas, tais como morar em república com pessoas desconhecidas, fazer trabalhos em grupo, apresentar trabalhos (falar em público), lidar com autoridade, fazer novas amizades, agir com independência, cuidando dos próprios pertences e moradia. Nesse âmbito, um repertório de habilidades interpessoais pode maximizar o desempenho acadêmico e social dos indivíduos (Bandeira & Quaglia, 2005; Boas, et al., 2005; Bolsoni-Silva et al., 2010).

Estudos têm apontado para comportamentos de interesse a serem avaliados e promovidos com universitários. Dentre contextos e demandas mais relevantes para essa população, destacam-se o falar em público, lidar com relacionamentos amorosos (Boas, et al., 2005; Del Prette & Del Prette, 2003; Pacheco & Rangé, 2006) e familiares (Bandeira & Quaglia, 2005; Del Prette et al., 2004; Ribeiro & Bolsoni-Silva, 2011). Sendo assim, cada um desses temas implica, conforme apontado por Ribeiro e Bolsoni-Silva (2011), diversos comportamentos socialmente habilidosos que podem trazer diferentes graus de dificuldade para universitários, como apresentar seminários, expressão de sentimentos positivos e negativos, recusar solicitação indesejável, expressar opiniões, discordar e contra-argumentar, solicitação de mudança de comportamento, autocontrole da agressividade, entre outros (Bandeira & Quaglia, 2005; Del Prette, et al., 2004; Ribeiro & Bolsoni-Silva, 2011).

Considerar a caracterização dos contextos e comportamentos relevantes para a população da qual o cliente faz parte é útil enquanto levantamento de hipóteses e temas de investigação para uma avaliação e intervenção personalizada das dificuldades interpessoais (Bolsoni-Silva, 2009b). Além da análise funcional, outras técnicas complementares podem ser utilizadas pelo terapeuta analítico-comportamental, de forma que facilite ou amplie o alcance da análise de contingências, a aprendizagem de repertórios relevantes e a programação da generalização. O *role-playing* é uma técnica com origem no psicodrama, entretanto tem sido empregado por terapeutas e pesquisadores à luz de outras abordagens teóricas (Del Prette & Del Prette, 1999/2001; Otero, 2004) para alcançar objetivos psicoeducativos e terapêuticos.

Del Prette e Del Prette (1999/2001) descrevem o *role-playing* através dos passos de apresentação de uma situação-problema, breve discussão acerca da situação, arranjo de uma situação análoga, desempenho do cliente em situação estruturada e *feedback* do terapeuta e/ou de outros participantes. Aplicado à terapia analítico-comportamental, o *role-playing* ou ensaio comportamental inclui: obter uma boa descrição da situação-problema para estabelecer a relação entre eventos; operacionalizar sequências

comportamentais uma de cada vez; fornecer instruções e modelos de desempenho; apresentar o comportamento em uma cena; dar dicas sobre o desempenho; inverter papéis, reapresentar, reavaliar o desempenho; programar generalização e avaliar desempenho na situação real nas próximas sessões (Calais & Bolsoni-Silva, 2008; Otero; 2004).

Diante dessas considerações, o presente texto tem como objetivo caracterizar e exemplificar o uso de *role-playing* como técnica para o ensino de análise funcional na terapia analítico-comportamental.

MÉTODO

Participantes e local

Os participantes deste estudo são duas terapeutas -estagiárias de Terapia Comportamental em Grupo, da graduação em Psicologia de uma universidade pública paulista, e dois clientes universitários da clínica-escola da mesma universidade. Os dois clientes fecharam diagnóstico para depressão pela SCID-I (Dal-Ben et al., 2001) e pelo BDI (Cunha, 2001). Os clientes fazem parte de uma amostra de conveniência por atenderem aos critérios subjacentes aos objetivos do presente texto.

Arthur (nome fictício) de 21 anos, solteiro, 4º anista de Jornalismo, residia com outros estudantes na cidade em que realizava o curso. Sua família era composta por quatro pessoas (Arthur, pai, mãe e irmã, três anos mais velha que Arthur), os pais eram casados.

Arthur apresentava como queixas: ter vivenciado uma "forte crise de estresse" nas férias em função de um estágio caracterizado como "frustrante e improdutivo", irritabilidade, cansaço físico, estado de "tristeza profunda" e sentimento de "vazio" com relação a consecutivas frustrações em relacionamentos amorosos, dificuldade de lidar com divergências existentes na relação com os pais e com a irmã e dificuldades de expressar e assumir sua homossexualidade. Relatou perda de peso não intencional e insônia.

Betina (nome fictício) de 22 anos, 4º anista de Educação Física, residia com a família na cidade em que realizava o curso. Sua família era composta por quatro pessoas (Betina, pai, mãe e irmão mais novo), os pais eram casados. Namorava um rapaz da mesma universidade há seis meses.

Betina apresentava como queixas: chorava demais, aparentemente sem motivo ("dá vontade de chorar do nada"). Disse que se sentia instável ("no mesmo dia acordo feliz, depois fico triste") e que essa instabilidade estava afetando a relação dela com o namorado e com os familiares, relacionamentos os quais estavam "cheios de brigas". Também relatou perda de peso não intencional e dificuldades para dormir.

O processo terapêutico foi realizado em uma sala de atendimento em grupo de uma clínica-escola de Psicologia (CPA) de uma universidade pública paulista.

Procedimentos de intervenção

O processo de intervenção foi baseado nos procedimentos da Terapia Analítico-Comportamental e no desenvolvimento de repertórios socialmente habilidosos, que estão descritos em Bolsoni-Silva (2009a), especialmente quanto a sugestões sobre os manejos de cada sessão serem contingentes às especificidades de cada cliente. Os encontros foram organizados em aproximadamente duas horas de duração, com objetivos específicos para cada cliente com relação a cada um dos temas abordados ao longo do procedimento, os quais foram: 1) Apresentação, ve-

rificação de expectativas e Comunicação – iniciar e manter conversações; 2) Comunicação – fazer e responder perguntas, 3) Conhecer direitos humanos básicos; 4) Conhecer comportamento habilidoso e não habilidoso (ativo e passivo); 5) Expressar sentimento positivo, elogiar; 6) Dar e receber *feedback* positivo, agradecer; 7) Expressar e ouvir opiniões (de concordância, de discordância); 8) Expressar sentimentos negativos, dar e receber *feedback* negativo, pedir mudança de comportamento; 9) Lidar com críticas, admitir os próprios erros, pedir desculpas; 10) Relacionamento amoroso; 11) Relacionamento familiar; e 12) Falar em público.

É importante esclarecer que das sessões de 1 a 9 são promovidas as habilidades sociais mencionadas, pois são consistentemente identificadas na literatura da área. No entanto, sabe-se que tais comportamentos ocorrem, sobretudo, em contexto de relacionamento amoroso, familiar e de falar em público, o que levou à elaboração de mais três encontros para retomar especificidades desses comportamentos e garantir que tais contextos sejam contemplados, porque nem sempre apareceriam espontaneamente. Os participantes recebiam uma cartilha (Bolsoni-Silva, 2009a) que continha definições das habilidades sociais e exemplos de sua aplicabilidade para os contextos de vida universitária, relacionamento amoroso e familiar.

Procedimento de coleta de dados

O procedimento empregado para o *role-playing* como facilitador da análise funcional foi usado em seis das doze sessões em grupo. Os dados apresentados, na seção de resultados, referem-se a trechos extraídos de um dos relatórios parafraseados das sessões terapêuticas (Sessão 7). A seleção da Sessão 7 deve-se ao fato de que, considerando todo os registros do processo terapêutico, ambos os clientes apresentaram dificuldades concordantes com os objetivos do presente texto, portanto, passíveis de serem trabalhadas com o uso combinado das técnicas de análise funcional e *role-playing*. A Sessão 7 foi conduzida tendo por instrução o procedimento semiestruturado para desenvolvimento de habilidades sociais com universitários (Bolsoni-Silva, 2009a), cujo tema abordado foi "Expressar e ouvir opiniões (de concordância, de discordância)". A seguir, são apresentados os passos utilizados para a realização do procedimento de *role-playing* e análise funcional.

Proposta de *role-playing*: Durante a sessão, as terapeutas propunham um problema ou questionamento baseado no relato dos clientes (a partir das entrevistas de avaliação ou durante os encontros) que envolvesse alguma dificuldade de relacionamento interpessoal ou que se referisse a um determinado *déficit* ou excesso comportamental de um dos clientes em algum contexto de interação social. A técnica de *role-playing* ou ensaio comportamental é sugerida sob o rótulo de "encenação" ou "simulação da situação-problema".

Role-playing: Realização da técnica de *role-playing*. No primeiro momento, pede-se a um cliente A que reproduza seus comportamentos tal como acontecem atualmente, no ambiente natural, e ao outro cliente B pede-se que desempenhe o papel de uma pessoa com quem A se relaciona (cuja interação foi relatada na sessão), para que haja desempenho dos papéis de acordo com as contingências vigentes relacionadas às queixas relatadas na sessão.

Análise funcional: Terapeutas fazem perguntas para que os clientes identifiquem o contexto, os sentimentos eliciados, os comportamentos evocados e

as consequências na interação em que o problema acontece.

Avaliação/autoavaliação: Participantes avaliam seu próprio comportamento (nível de ansiedade, facilidade/dificuldade, desempenho) e o do outro participante da interação, assim como identificam o efeito e consequência de seu comportamento no outro.

Reforçamento de comportamentos relevantes, de autorrevelação e análise de contingência: Terapeutas ressaltam pontos positivos da interação desempenhada, reforçam comportamentos relevantes, reforçam comportamentos de autorrevelação e de descrição de contingências. Desse modo, as terapeutas levantam com os clientes as alternativas de comportamentos mais habilidosas socialmente e funcionalmente equivalentes à produção de reforçadores positivos nas interações sociais. Para isso, faz-se uso de modelação e modelagem de respostas assertivas a partir da identificação de função, contexto, topografia.

***Role-playing*:** Nova realização da técnica de *role -playing*, de acordo com as reflexões, instruções e comportamentos modelados anteriormente.

Análise funcional: Terapeutas novamente fazem perguntas para que os clientes identifiquem o contexto, os sentimentos eliciados, os comportamentos evocados e as consequências na interação, dessa vez na contingência em que empregaram repertórios alternativos na interação social. Visa-se produzir comparações com os elementos da contingência do primeiro *role-playing*, destacar vantagens e desvantagens de cada desempenho social.

Reavaliação/autoavaliação: Participantes avaliam seu próprio comportamento (nível de ansiedade, facilidade/dificuldade, desempenho) e o do outro participante da interação, assim como identificam o efeito e consequência de seu comportamento no outro.

Reforçamento de comportamentos esperados, de autorrevelação e análise de contingência: Terapeutas ressaltam pontos positivos da interação desempenhada, reforçam comportamentos relevantes, de autorrevelação e de descrição de contingências. Terapeutas avaliam com os clientes o quanto as alternativas de comportamentos mais habilidosos socialmente podem produzir mais reforçadores positivos nas relações interpessoais.

Programação da generalização: São analisadas as possibilidades de riscos e dificuldades de aplicação dos comportamentos treinados em contexto natural. Se necessário, são treinadas outras respostas relacionadas que poderiam impedir a generalização, considerando a previsão das possíveis consequências naturais.

Esse procedimento de aplicação do *role-playing* ou ensaio comportamental durante as sessões em grupo poderia assumir três configurações possíveis, dependendo da demanda do dia, do repertório comportamental dos clientes ou da dificuldade da tarefa e o momento da intervenção:

1) Entre clientes: esse tipo de *role-playing* subsidia avaliações e intervenções em situações, contextos, consequências ou tarefas comportamentais em que ambos os clientes têm alguma queixa semelhante ou que possa complementar com a queixa do outro (de forma explícita ou implícita), ou quando um dos clientes possui reservas comportamentais relevantes que podem funcionar como modelos para o outro. Nesse caso, o

comportamento de um cliente é condição antecedente e consequência para o comportamento do outro em situação de ensaio comportamental.

2) Entre terapeuta-cliente: diante de queixa ou contexto muito específico ou tarefa comportamental de alto custo para o cliente, o terapeuta pode fazer parte do *role-playing* para direcionar a execução da técnica, o contexto e as consequências que possam ser compatíveis e fidedignos com a queixa e com o comportamento que se deseja instalar e modelar, por conseguinte.
3) Entre terapeutas: quando ambos os clientes apresentam significativos *déficits* comportamentais e a execução da técnica se torna inviável ou improdutiva terapeuticamente. Nesse sentido, as terapeutas podem criar um *role-playing*, gerando modelos de comportamentos e contingências de interação social a serem analisados pelos clientes em uma primeira rodada, seguida ou não de uma rodada em que os clientes tentam reproduzir os modelos de interação social.

Na sessão relatada no presente trabalho, foi utilizada a primeira configuração, ou seja, o *role-playing* foi realizado entre os clientes.

Procedimentos de tratamento e análise de dados

Para o tratamento e análise dos dados, foram elaborados relatórios com os diálogos parafraseados, a partir dos áudios das gravações de todas as sessões. Em seguida, foram analisados e selecionados os trechos descritivos das intervenções de *role-playing,* a partir dos critérios descritos anteriormente como etapas para utilização da técnica associada a analise funcional. Por fim, foi selecionada a sétima sessão para ilustração dos resultados, pelos motivos anteriormente apresentados, o que foi seguido pela confecção da tabela a seguir com as principais informações de como ocorreu a interação entre clientes e terapeutas durante a realização da técnica. Enquanto estratégia para exemplificação contextualizada dos resultados, apresenta-se um recorte cuja intervenção tenha enfocado a problemática do cliente Arthur.

RESULTADOS

Na Tabela 1, encontram-se trechos parafraseados da associação das técnicas *role-playing* e análise funcional na sessão sobre expressão de opiniões:

Nas etapas iniciais realizadas na sessão apresentada, especificamente com os dados encontrados na etapa 2 (primeiro *role-playing*), pode-se observar que o cliente Arthur pôde discriminar sua dificuldade de ouvir opiniões atentamente como parte da classe de comportamentos-problema lidar com opiniões divergentes (quando A concorda com a fala de T2 sobre sua dificuldade de ouvir quando B sinalizou discordância).

Além da verbalização do cliente Arthur, pôde-se considerar que as interações da cliente Betina e das terapeutas, dadas pelo *feedback* de Betina e empatia em relação à irmã de Arthur (“*Acho importante você falar com sua irmã, pois já namorei um cara que a família toda não gostava, mas que eu tinha certeza que era o cara certo. Aconteceu que as pessoas me deixaram de lado, mas eu achava que meus familiares mesmo não concordando, poderiam apoiar, eu estava disposta a conversar sobre isso, teria me sentido melhor e talvez tivesse alcançado outras saídas)* e das terapeutas *(“Como observadoras notamos que você, Arhur, não respondeu à opinião da Betina de que você deveria falar com sua irmã de uma forma diferente, o que você fez foi expressar as*

Tabela 1: Breve descrição da sessão conforme etapas (A refere-se ao cliente Arthur; enquanto B refere-se à Betina).

Etapas	Descrição
1.Identificação de tema e proposta *role-playing*	Tema: Dificuldade de A em não concordar com a decisão da sua irmã se casar e B permanecer brigada com seu irmão por discordar de como ele obtém vantagens dos pais. T2 relaciona as dificuldades e sugere o *role-playing*. Objetivo: treino de repertório relacionado à solução da dificuldade de ambos se expressarem e lidarem com opiniões divergentes. T2 sugere que B deve expressar uma opinião para A, ambos no papel de amigos que discordam.
2.Primeiro *role-playing*	B expressa em opinião em relação a como A se comporta com a irmã, A não responde à opinião de B, e T2 diz que foi importante A ter reagido espontaneamente; em seguida, pergunta o que B disse e A não sabe responder o que B disse. T2 acolhe e aponta para a *dificuldade de ouvir ativamente e ressalta o valor de treinar em sessão tais questões.* A concorda com T2, mas se queixa da *irmã, afirmando que ela também* não o ouve quando ele discorda dela da mesma forma que ele fez com B na sessão. B diz que ela fazia como a irmã de A, exemplificando que ignorava as críticas e opiniões sobre seu namorado que eram diferentes da opinião dela. A empatia de B com a irmã de A foi destacada pelas terapeutas, o que pôde facilitar que A refletisse sobre os sentimentos de sua irmã.
3.Perguntas descritivas de contingências	T1 pergunta para B o que ela sentiu sobre a resposta de A. *B diz que teve a impressão de que não foi ouvida, e de que A se expressa esperando mudar a opinião dela necessariamente.* Terapeutas elogiam. T1 pergunta como eles se sentem quando alguém discorda de suas opiniões que consideram importantes. B diz que fica com receio de que a obriguem a mudar de opinião, mas que acha importante ouvir. *A diz que tem dificuldades de ser criticado em algo que acredita.* (outras perguntas são feitas e respondidas)
4.Avaliação	Terapeutas pedem a avaliação do desempenho no *role-playing*. B elogia A por tentar expor seus sentimentos argumentando de forma clara, e sugere que *ele não ouviu sua sugestão de retomar a conversa com a irmã* de outra forma e apenas se defendeu. T2 pergunta se importa a forma de falar ao discordar. B responde que sim, e enfatiza que quando a crítica é pesada muitos preferem ignorá-la. A concorda e diz que não foi atento porque estava com sua *atenção toda voltada para o que ele pensa e disse que não tem o direito de ignorar o que dizem quando não concordam dele*, e nem forçar a concordância. T2 concorda.
5.Reforçamento de Comportamentos alternativos, autorrevelação e análise de contingência	As terapeutas elogiam o *feedback* habilidoso de B sobre o desempenho de A., e ressaltam que estão identificando a dificuldade *com lidar com opiniões divergentes de pessoas próximas e íntimas*, e elogiam A. A concorda e T1 destaca autorrevelação de A. T2 pergunta o que se pode mudar do próprio comportamento em função de melhorar a comunicação entre eles. Os clientes ficam em silêncio. T2 parafraseia a interação da primeira encenação e sugere que eles estavam conseguindo com *facilidade expressar argumentos e com dificuldade de ouvir argumentos divergentes.* A e B concordam.
6.Modelagem e modelação de comportamentos alternativos	T1 pergunta como eles podem expressar discordância e ouvir a opinião, sem necessariamente concordarem entre si, tal como B havia sugerido. Nesse momento, B concorda que pode ser bom, faz autorrevelação e sugere que a irmã de A não presta atenção no conteúdo da opinião porque tudo que A faz é falar mal do namorado dela. T1 pergunta o que A acha sobre isso e A permanece em silêncio, depois concorda. T1 perguntou se tem algo que ele gostaria de mudar nos seu jeito de se expressar. A ouve em silêncio e depois sugere que, se ele pudesse expressar como se sente em relação à irmã, em seguida pediria que ela se colocasse no lugar dele, dizendo que ele se importa e gostaria que ela o ouvisse. B sugere também que A não deixe de apoiar a irmã, pois a escolha é dela e ele deveria respeitar. B complementa que, se ele não criticar demais, ela irá ouvi-lo. T1 e T2 elogiam o modelo dado por B, sua análise da situação e o fato de descrever uma situação que possa ser útil para A. Ele concorda e diz que sozinho não conseguia nem identificar nem se comportar diferente, mas que poderia tentar.
7.Tentativas de um novo *role-playing*	Dada a sugestão de B, as terapeutas sugerem que eles refaçam a mesma situação para que A treinasse as habilidades de discordar assertivamente, dessa vez imaginando que B. fosse sua irmã. *A teve dificuldades em comportar-se de acordo com o modelo dado por B, apresentou outro padrão agressivo, dessa forma as terapeutas retornaram ao passo 6.*
Retorno ao passo 6: Modelagem e modelação de comportamentos alternativos	A conclui que foi "rude" novamente e que sua irmã não irá ouvi-lo falando dessa forma. T2 elogia e pergunta em que seu comportamento de discordar pode não incluir agressividade. B concorda e diz que ele ser agressivo facilita o fato de ela ser agressiva com ele. A nota que se esqueceu de ressaltar um ponto da fala de B que concorda. T2 elogia e deu outro modelo mais simples sobre expressão de opiniões, A concorda, mas diz que nem em encenação estava conseguindo se concentrar e fazer o que era preciso, de tanto que esse assunto (a escolha da irmã de se casar com o namorado; lidar com opinião divergente da sua) é difícil. Conclui que sempre tiveram uma relação íntima e, desde o namoro, sentiu que perdeu o afeto da irmã e perdendo seu espaço, achando que isso pioraria com o casamento. As terapeutas acolhem e valorizam sua autorrevelação, destacam a importância do autoconhecimento. Em seguida, incentivam que ambos busquem um exercício de menor dificuldade com discordância em que poderia obter atenção, valorização e se expressar para a irmã de forma alternativa.
Retorno ao passo 7:Segundo *Role-playing*	A diz que criará uma situação menos difícil para treinar discordar. As terapeutas concordam, elogiam sua percepção e disposição. A inventa uma opinião sobre o namorado de B ser um cara muito feio e desinteressante. Diz também que ele (namorado de B) não merecia alguém inteligente e agradável como ela. B diz que quem tem que achar ele bonito ou não seria ela, e não outras pessoas.

Tabela 1: Continuação

Etapas	Descrição
Perguntas descritivas de contingência	T1 pede que B avalie seu comportamento e ela diz que respondeu bem. Em seguida, as terapeutas perguntam como A avalia a resposta de B e ele diz que ela foi agressiva (tom de voz e forma de encerrar o assunto). B ri, diz que falou assim com uma amiga e concorda que tenha sido agressiva e não tinha se dado conta, e talvez seja agressiva com outras pessoas sem notar. Utilizando-se do passo 6, as terapeuta acolhem, elogiam o *feedback* de A e a aceitação de B e dizem que ela poderia mudar isso se achasse importante. B concorda e as terapeutas sugerem comportamentos alternativos, como por exemplo, parada para pensar antes de responder e exploraram as próprias dicas de B para A como sugestão.
Avaliação	A diz que imaginava que B reagiria assim, pois foi assim que sua irmã reagiu. B diz que ele pode se controlar porque as pessoas com quem se importa podem se ofender. T2 sinalizou que esse seria um contexto para treinar autocontrole, desde que eles avaliassem alguma importância em poupar a pessoa em questão da agressividade e, ao mesmo tempo, expressarem opinião. A e B concordam.
Retorno ao passo 7: Terceiro *role-playing*	A pede desculpas por entrar no assunto e diz que a considera bonita, e acha que o namorado não combina com ela, pelas tantas diferenças que observa. B responde que, sobre beleza, não adiantaria eles debaterem, apesar de ela respeitar a opinião dele, pois critério de beleza é algo muito pessoal e que para ela conta muito o sentimento que seu namorado proporciona para ela. B continua a discordar, dizendo que não tem tanta certeza sobre o namorado terem tantas diferenças e que, pelo jeito que ele a trata, ela se sente muito bem e que não tem do que se queixar seriamente.
Avaliação	T1 pergunta sobre as diferenças de comportamentos de expressão entre a primeira e a segunda rodada de encenações. B retoma que percebeu sua agressividade, que antes não notava e identificou vantagens de tentar ser assertiva quanto à colocação de opiniões. A nota que da segunda forma não pareceu uma crítica dura nem injusta, e que esteve aberto à discordância de B. Ela diz que se sentiu à vontade para continuar a conversa apesar de não concordarem. Terapeutas elogiam.
Reforçamento de Comportamentos alternativos, autorrevelação e análise de contingência	T1 elogia o desempenho de ambos e descreve que conseguiram ser assertivos e tranquilos apesar das divergências expressas. T2 sinaliza que esse padrão de expressar opinião como um modelo produtivo é habilidoso para reagir a opiniões diversas. Os clientes concordam. A diz que isso foi importante para ele, pois entendeu que opiniões não são verdades e não pode exigir a concordância como único desfecho ou condição para se sentir aceito, valorizado. As terapeutas concordam e elogiam os clientes pelo desempenho e dedicação à análise das encenações.

justificativas para não concordar com o casamento de sua irmã) pareceram relevantes para que Arthur refletisse sobre seu comportamento em relação ao comportamento da irmã, conforme observado na verbalização de Arthur e nas etapas seguintes.

No passo (3), em que as terapeutas fazem perguntas que descrevem as contingências apresentadas (*"Betina como você se sentiu com a resposta dada por Arthur?"*), e no passo (4), em que os clientes avaliam o próprio desempenho, observam-se resultados da análise de Arthur sobre seus comportamentos. Nessa situação, as respostas verbais de Arthur parecem descrever autorregras, observando sua dificuldade de ouvir Betina (desempenhando o papel de sua irmã) e descreve que seu comportamento nos diálogos sobre divergências fica, frequentemente, sob controle de estímulos de seus argumentos e da necessidade de convencer e, com isso, ignora o conteúdo do que as pessoas dizem (*Arthur disse que não tem o direito de ignorar o que dizem quando não concordam dele).* Arthur parece discriminar o estímulo antecedente para o comportamento de criticar opiniões divergentes: alguém com quem tem intimidade, como a irmã, quando discorda de alguma opinião dele.

Diante dos desempenhos dos clientes descritos nas etapas anteriores, as terapeutas reforçam comportamentos relevantes para a solução das queixas atra-

vés de elogios e *feedback*, parafraseiam o que ouve no *role-playing* e sugerem que eles mesmos estão atualmente com alguma facilidade de expressar opiniões divergentes e mais dificuldade em ouvir. Observa-se que este manejo caracteriza a etapa 5 do *role-playing* e a partir dele observa-se como resultado uma redefinição de parte do problema de Arthur, que conforme descrito na etapa 3 e 4 passa a discriminar sua dificuldade em lidar com opiniões divergentes de pessoas próximas e íntimas em oposição ao que caracterizava anteriormente enquanto dificuldade da irmã em concordar com ele. Nesse sentido, a partir do manejo de acolhimento das terapeutas e parafraseado sobre sua dificuldade, nota-se no relato de Arthur um aumento de autorrevelação, na medida em que ao tentar explicitar sua facilidade em argumentar, discrimina sua própria dificuldade de ouvir e aceitar outros argumentos (*"eu não tenho o direito de ignorar o que dizem quando não concordam comigo").*

Diante da falta de repertório social mais habilidoso de Arthur para lidar com divergências, no passo (6) o próprio cliente e Betina pensam em comportamentos alternativos e descrevem funções do comportamento; os próprios clientes discriminam que parece haver uma expectativa de que a irmã se convença do ponto de vista dele e concorde antes mesmo da interação e sugerem o questionamento dessa expectativa; Betina acrescenta outro modelo de comportamento baseado no que observou enquanto desempenhava o papel da irmã: Arthur poderia mudar o conteúdo de sua fala, uma vez que seus argumentos consistiam em criticar o namorado da irmã (*Betina diz: "fui muito cabeça dura, não ouvia nada do que diziam, mas acha que a irmã não presta atenção em você porque você só vai para falar mal do namorado dela. Você podia expressar como se sente em relação a sua irmã, pedindo que ela se coloque no seu lugar, dizendo que você se importa muito com ela e gostaria que ela ouvisse a sua opinião, sem deixar de apoiar sua irmã, dizendo que a escolha é dela, que vai respeitar, e sem ser agressivo com ela, que só assim talvez sua irmã pare para pensar"*). As terapeutas validaram a colaboração de Betina (*"Muito interessante Betina, você exemplificar como Arthur pode fazer"*) e questionaram Arthur sobre sua prontidão em apoiar a irmã caso ela se comporte diferente da opinião dele, refletindo sobre o direito de a irmã escolher sobre a própria vida. Diante de suas dificuldades de resolver tal problema sozinho e a empatia e modelos apresentados pelas terapeutas e Betina, observa-se que Arthur concorda com as colaborações apresentadas e passa a descrever possíveis consequências positivas envolvidas nos modelos alternativos apresentados que justificariam esforçar-se para fazer diferente.

Essa etapa possibilitou, tanto para Betina quanto para Arthur, a identificação das consequências dos comportamentos dos envolvidos na interação dada, na medida em que Betina descreve para Arthur como a irmã dele se comporta diante do comportamento dele. As previsões de tais consequências serão posteriormente identificadas como pré-requisitos para emissão dos comportamentos subsequentes de expressar opiniões, sendo a discriminação da interdependência entre os comportamentos um elemento importante para a análise funcional dos clientes.

No passo (7), terapeutas e clientes empenham-se em programar um novo *role-playing* para continuação da facilitação da análise funcional, pois durante o primeiro *role-playing*, apesar da identificação e discriminação dos comportamentos-problema, não

foi possível o treino dos repertórios destacados, posteriormente, como alternativos e potencialmente ligados à produção de consequências mais positivas para a relação entre os irmãos. Entretanto, Arthur apresenta dificuldades de emitir os comportamentos sugeridos como modelo *("Nem no exercício estou conseguindo me concentrar e fazer o que é preciso, de tanto que esse assunto é difícil"),* o que é compreensível a partir da diferença entre o comportamento de declarar conhecimento sobre algo e emitir o comportamento no ambiente social. Sendo assim, nota-se a importância de treinar diretamente repertórios de habilidades sociais mais simples para que o cliente pudesse emitir operantes gradativamente mais difíceis e relevantes para resolução de seus problemas interpessoais.

Considera-se especificamente tanto o repertório de autoconhecimento quanto o desempenho social de cada cliente, para tanto a avaliação funcional revela-se fundamental no processo terapêutico como elemento precedente à modelagem de repertórios alternativos, o que seria concordante com procedimento semiestruturado para universitários (Bolsoni-Silva, 2009a) utilizado pela recomendação de flexibilidade de procedimentos em cada sessão para atender aos objetivos coerentes com cada caso.

Nesse sentido, as terapeutas retornaram nesse momento ao passo (5) de avaliação do desempenho e ao passo (6) de construção de novos repertórios alternativos. Mesmo com dificuldades para desempenhar comportamentos alternativos, após o segundo *role-playing* Arthur pôde discriminar outros importantes aspectos das contingências de ouvir e expressar opiniões divergentes para a irmã, o que consiste em resultados significativos do ponto de vista de construção da análise funcional pelo cliente.

Arthur discriminou que seu jeito de falar era "rude" e entendia porque a irmã não queria mais ouvi-lo ("Reconheço que fui rude e minha irmã não irá me ouvir falando dessa forma"). Além disso, diante de pergunta das terapeutas, o cliente pôde identificar outro possível comportamento alternativo de ressaltar o que ele concordava do que a irmã opinava antes de apresentar sua divergência, o que foi destacado pelas terapeutas como relevante uma vez que, para isso, seria preciso ouvir a irmã, colocar-se no lugar dela e flexibilizar suas autorregras a respeito de convencer a irmã de que ele estaria certo a respeito do que é melhor para ela (quando o cliente conclui que sempre teve com a irmã uma relação íntima e, desde o namoro dela, sentiu que perdeu o afeto da irmã e seu espaço na vida dela acreditando que só iria piorar com o casamento).

Finalmente, após tais resultados de realização de análise funcional em conjunto entre terapeutas e cliente, as terapeutas perguntam o que ele teme perder na relação com a irmã caso ela se mantenha discordando de sua crítica ao casamento, e o cliente discriminou que mudar seu comportamento é muito difícil justamente porque se opor à irmã e tentar convencê-la era a única forma de sentir-se mais próximo dela naquela fase em que passava cada vez menos tempo com a irmã e sentia que havia perdido o afeto dela para seu cunhado. A discriminação das consequências reforçadoras negativas ligadas a diminuir importância na vida da irmã às vésperas do casamento pode ter sido um resultado importante para que Arthur compreendesse mecanismos que mantinham esse comportamento divergente provável, apesar dos sinais de afastamento da irmã.

É interessante notar que, mesmo após a sugestão das terapeutas para Arthur treinar um comporta-

mento alternativo mais simples para obter atenção da irmã diferente de exigir e discutir por ela discordar, o cliente propõe e reproduz uma contingência muito similar, funcionalmente equivalente: critica o namorado de uma amiga (representada por Betina). (*Arthur diz à Betina que o namorado dela era muito feio e diz que não imagina porque ela namora um cara assim, que ele não merecia alguém inteligente como ela, Betina responde dizendo que quem tem que achar ele bonito ou não seria ela*). Diante disso, ressalta-se que o *role-playing* é uma técnica potencialmente capaz de reproduzir na sessão contingências funcionalmente equivalentes no ambiente natural do cliente, em diferentes níveis de dificuldade e semelhança, o que pode favorecer o autoconhecimento e o treino de repertórios.

Outro efeito bem sucedido do emprego do *role -playing* como facilitador da análise funcional é exemplificado na avaliação dos clientes do segundo *role-playing*, quando a cliente Betina é cuidadosamente alertada por Arthur que ela havia sido agressiva como consequência de ele ter expressado sua opinião de tal forma (*"Eu imaginava que a Betina reagiria assim, pois foi bem assim que minha irmã reagiu"*). Nessa situação, Betina discriminou que havia sido agressiva e identificou outras interações nas quais reproduz o mesmo padrão, o que demonstra mais uma vez ganhos de autoconhecimento de Betina na sessão ("*Foi isso que disse para minha melhor amiga e não tinha percebido que isso era agressivo, devo ser agressiva sem perceber com outras pessoas*").

Além disso, destaca-se que Arthur soube apontar de forma socialmente habilidosa que Betina tinha sigo agressiva em seu tom de voz e na forma como encerrou o assunto. Tais relatos demonstram que o cliente pode, após discriminar elementos da contingência de discordar da irmã, desenvolver um repertório social quanto a discordar da opinião de Betina sobre seu próprio comportamento, produzindo como consequências diferenciais consequências positivas na interação com Betina. Nessa situação, Arthur também ampliou sua análise funcional a respeito da divergência com a irmã ao identificar que, como produto de sua forma insistente de apresentar sua opinião divergente, a irmã passou a criticá-lo também, o que aumentava os sentimentos negativos associados à sensação de estar perdendo o afeto da irmã, apesar de ela dar atenção a esse assunto.

No retorno ao passo (7), em que um terceiro *role -playing* é encenado, Arthur se expressa pela opinião sobre o namorado da amiga (Betina) de forma mais descritiva e assertiva, diferentemente da forma agressiva como havia apresentado no *role-playing* anterior *("Desculpas por entrar no assunto, não sou a pessoa mais bonita do mundo, nem é só isso que importa, e você é muito esperta, mas acho que vocês não vão funcionar bem no futuro, pois ele tem um histórico complicado com outras meninas").*

Nota-se que, mesmo que não tenha sido avaliado o desempenho de como ele havia se expressado como antecedente para a resposta agressiva de Betina no exemplo anterior, após a análise funcional da resposta de Betina, o cliente Arthur alterou seu comportamento e expressou-se de forma topograficamente diferente. Foi avaliada com os clientes a diferença entre comportamentos que produzem consequências naturais do tipo expressar o que se pensa e colocar-se em uma conversa e comportamentos que produzem consequências como inibir ou criticar o que o outro pensa. Ainda na avaliação a respeito do terceiro *role-playing*, tanto Arthur quanto Betina fi-

zeram análises funcionais relevantes que anteriormente não eram possíveis. Diante disso, revela-se o fato de os clientes terem se comportado no *role -playing* como costumam se comportar em contingências naturais, favorecendo a discriminação de relações funcionais existentes nas queixas reproduzidas pelo *role-playing* e posteriormente algumas variações mais habilidosas no repertório de expressão de opiniões.

Com relação a Arthur, observou-se na sessão seguinte um importante resultado de generalização, a partir de um relato no qual o cliente se encontrava em um debate de ideias e opiniões em uma aula da graduação e exerceu autocontrole com relação a impor sua opinião agressivamente e expressou discordância, de forma habilidosa, com relação ao que pensava sem deixar de ouvir os argumentos dos outros. A partir desse relato, o cliente afirmou que se sentiu "bem" e considerou um resultado "proveitoso" porque conseguiu "ouvir os argumentos das pessoas sem ter raiva daqueles que pensassem de forma contrária" às suas opiniões. Após três sessões, o cliente relatou ter voltado a conversar com sua irmã, após ter se desculpado pela insistência em discordar da sua opinião e decisão de se casar com o namorado, expressando a ela que sentia falta das conversas e carinho que demonstravam com maior frequência anteriormente.

DISCUSSÃO

Uma vez que, para a aplicação clínica da Análise do Comportamento é impraticável manejar e controlar experimentalmente as variáveis relacionadas ao comportamento do cliente (Guilhardi, 1987; Sturmey, 1996; Ulian, 2007), a análise funcional em contexto aplicado estabelece focos de avaliação e intervenção entre as variáveis com maior probabilidade de influenciar a emissão do comportamento, em contexto natural, e que podem ser alteradas durante a terapia (Banaco, 1999; Neno, 2003; Sturmey, 1996; Vandenberghe, 2002).

Na Terapia Analítico-Comportamental, a análise funcional é entendida como uma forma ideográfica de avaliação que orienta o desenvolvimento de um tratamento individualmente programado (Neno, 2003; Sturmey, 1996). Portanto, se faz importante destacar que os *déficits* e excessos comportamentais relatados no presente trabalho foram identificados apenas como uma parte dos objetivos terapêuticos de intervenção, a partir das avaliações individuais que culminaram na elaboração de um estudo de caso, antes do início do processo terapêutico em grupo, através de resultados de entrevista clínica comportamental e da aplicação dos instrumentos listados anteriormente. Além disso, a aplicação do procedimento semi-estruturado para desenvolvimento de habilidades sociais com universitários (Bolsoni-Silva, 2009b) prevê a flexibilidade do manejo das sessões de acordo com a avaliação comportamental de cada cliente. Cada sessão resulta em um percurso único e idiossincrático tanto quanto qualquer outra sessão terapêutica, uma vez que as tarefas de casa, técnicas e temas de habilidades sociais sugeridas pelas terapeutas devem ser trabalhadas de modo contingente às necessidades dos clientes, os exemplos relatados no dia e os objetivos com cada cliente. Por outro lado, o uso de procedimentos semiestruturados de intervenção, desde que garantam flexibilidade, tem sido apontado pela literatura como favorável para o sucesso terapêutico (Boas, et al., 2005; Del Prette, et al., 1999; Del Prette & Del Prette, 2003; Magalhães & Murta, 2003; Bauermeister et al., 2006).

Compreender comportamentos como produto de contingências de reforçamento implica considerar a identificação e reconhecimento de tais contingências no processo terapêutico, através de intervenções apropriadas que levem o cliente a desenvolver maior auto-observação, autocontrole e autoconhecimento, a partir, sobretudo, de consequências intrínsecas (Goldiamond, 1974/2002). No caso dos clientes Arthur e Betina, o *déficit* em autoconhecimento e a dificuldade de estabelecer relações funcionais do próprio comportamento dificultavam a seleção de repertórios eficazes na produção de reforçadores positivos. A associação das técnicas de *role-playing* e análise funcional foram úteis para facilitar a observação e descrição do próprio comportamento, contribuindo para a discriminação dos clientes a respeito das dificuldades e eventos dos quais as respostas eram função, além da relação do repertório atual com a história de vida (Neno, 2003; Sturmey, 1996; Vandenberghe, 2002) e estimular o desenvolvimento de repertório alternativo (Goldiamond,1974/2002).

Conforme Donadone e Meyer (2005) ressaltam, o sucesso da Análise do Comportamento Aplicada ao contexto clínico não está atrelado ao uso de técnicas, mas sim à escolha contextualizada e apropriada delas, assim como à interpretação de seus resultados e seleção de intervenções de acordo com os pressupostos filosóficos e conceituais do Behaviorismo Radical.

Considera-se que, no contexto clínico analítico-comportamental, se têm como objetivos que o indivíduo passe a descrever as contingências de seus comportamentos como um resultado pré-corrente ou concomitante às intervenções para o desenvolvimento de e a desenvolver repertórios comportamentais, os quais no caso da presente pesquisa seriam as alternativas funcionalmente equivalentes para resolução de problemas, em termos de habilidades sociais relacionadas à expressão de sentimentos e opiniões. Para que esse processo seja considerado terapêutico e idiossincrático, foi preciso considerar a análise funcional e objetivos terapêuticos de cada caso (Bolsoni-Silva, 2002). Desse modo, além de respaldos das referências da literatura sobre o que é relevante para uma dada população e cultura específica, enfatiza-se a importância da análise funcional como instrumento que possibilita avaliar as contingências em que cada pessoa se comporta, o que favorece uma avaliação individualizada de quais contingências comportamentais descrevem as queixas, bem como quais repertórios podem contribuir para uma melhora terapêutica.

De acordo com os passos para a análise funcional, apresentados por Meyer (2003), primeiramente buscou-se identificar o comportamento de interesse. Na sétima sessão do procedimento semiestruturado para universitários (Bolsoni-Silva, 2009a), a classe comportamental de expressar opiniões foi usada para o uso do *role-playing* associado à análise funcional. Através do relato de diferentes conflitos com os irmãos e com os pais em sessões anteriores, as terapeutas discriminaram significativos *déficits* desse comportamento no repertório de Betina enquanto que, no caso de Arthur, observaram-se excessos desse comportamento. Pelos resultados apresentados, acredita-se que, a partir da associação das técnicas de análise funcional e *role-playing*, foi possível que os clientes pudessem fazer análise funcional das queixas relacionadas à expressão de opiniões. Nesse sentido, observa-se que a associação entre as técnicas mencionadas cumpriu o objetivo de facilitar o autoconhecimento, sem deixar de favorecer os

objetivos usuais como modelação e modelagem de repertórios alternativos, cujos resultados são observados no relatado por Arthur na sessão seguinte sobre as resoluções na relação com a irmã.

Sabe-se da dificuldade do estudante universitário em estabelecer relacionamentos familiares e amorosos satisfatórios e especificamente repertórios de assertividade, tal como expressar a própria opinião e lidar com a opinião alheia (Bandeira & Quaglia, 2005; Boas et al., 2005; Del Prette & Del Prette, 2003). Torna-se um desafio para o clínico comportamental ensinar novas respostas diante desses contextos. Atrelado ao ensino de novos repertórios, torna-se ímpar o ensino de autoconhecimento que pode ser obtido a partir de análise funcional de contingências. O *role-playing*, pelos resultados apresentados, mostrou-se útil para ensinar os clientes a realizar análise funcional, a qual era comportamento pré-corrente para o ensino de novas habilidades sociais envolvidas nas queixas previamente identificadas.

Considerando o repertório insuficiente de autoconhecimento e a dificuldade desses clientes em discriminar relações através de perguntas das terapeutas, os *role-playings* foram planejados e conduzidos na sessão exemplificada de maneira que as dificuldades observadas através dos dados levantados no estudo de caso e nas sessões anteriores, em relação a aspectos do relacionamento familiar identificados durante a avaliação do caso, como a expressão de opiniões e a expressão de sentimentos negativos, pudessem ser reproduzidas, facilitando a realização da análise funcional pelos clientes.

Nesse sentido, o uso do *role-playing* parece ter contribuído para a reprodução de contingências equivalentes aos problemas interpessoais dos clientes no *setting* terapêutico e permitiu a discriminação de relações funcionais de maneira mais clara e contextualizada. Isso se tornou possível porque, antes de começar os atendimentos em grupo, foram conduzidos atendimentos individuais que permitiram ampla avaliação diagnóstica, possibilitando identificar *déficits* e excessos.

Os passos realizados anteriormente e posteriormente ao *role-playing* propriamente dito parecem ter participado de modo fundamental na produção dos resultados terapêuticos associados ao autoconhecimento, pois nesses passos priorizou-se o uso de perguntas que levassem a respostas de descrição de contingências da sessão e do ambiente natural, além da análise das dificuldades relacionadas ao desenvolvimento do repertório socialmente habilidoso que pudesse maximizar as consequências reforçadoras na resolução de problemas interpessoais. Assim, os dados indicam a importância do planejamento, da identificação de objetivos e de busca de técnicas que auxiliam no autoconhecimento e promoção de repertório, ou seja, a escolha da técnica do *role playing* para esse fim só foi possível devido à boa formulação do caso e do adequado planejamento de intervenção, favorecendo a efetividade da técnica, produzindo autoconhecimento sem deixar de fazer o que originalmente é destinado, promoção de repertório alternativo. Pode se dizer que nesse caso a promoção de repertório sem o autoconhecimento possivelmente não garantiria motivação para mudança tanto para Arthur quanto para Betina.

É interessante notar que se tornou possível reforçar diferencialmente os comportamentos verbais de autorrevelação e relação entre eventos por parte dos clientes, o que maximizou ganhos terapêuticos de auto-observação e autoconhecimento, durante o *ro-*

le-playing realizado na sessão escolhida para a apresentação dos dados.

Além disso, aspectos que podem ser observados, dadas as autorrevelações e análises funcionais feitas pelos clientes, incluem que conhecer a história do relacionamento em análise dá importantes pistas dos padrões de comportamento entre as partes (Meyer, 2003). Para Arthur, a classe de comportamentos de expressar frequentemente suas opiniões divergentes sobre o namorado da irmã e discordar agressivamente dela a respeito da decisão de casar-se produzia primeiramente como consequências reforçadoras a atenção da irmã (quem por muito tempo procurou frequentemente acolher e se justificar para o irmão) e posteriormente produzia como consequências aversivas brigas e a remoção da atenção da irmã (se distanciando, conversando menos). Para Betina, a classe de respostas de evitar expressar suas opiniões sobre os comportamentos do irmão e dos pais em relação a ele tinham função reforçadora negativa de não entrar em contato com a provável reprovação dos pais às suas críticas e brigas com o irmão.

Nesse sentido, destaca-se a importância do planejamento, incluindo o levantamento de objetivos e seleção de técnicas, que promova o autoconhecimento e a promoção de repertórios relevantes. No caso do presente trabalho, as técnicas selecionadas em associação possivelmente tiveram resultados coerentes em função de uma adequada formulação dos casos, bem como um planejamento adequado para intervenção. Pode-se dizer que, nesse caso, a promoção dos repertórios relevantes quando ao manejo de opiniões divergentes sem o autoconhecimento possivelmente não garantiria motivação para a mudança, sendo que, com autoconhecimento adquirido sobre o tema, o cliente tornou-se capaz de se colocar no lugar da irmã e discriminar porque estava tão zangado com ela, visto que a ameaça de perda ainda maior da atenção através da notícia do casamento estava funcionalmente relacionado ao aumento de agressividade com a irmã, pela forma de imposição de divergências e críticas.

Na terapia analítico-comportamental, tradicionalmente o *role-playing* tem sido usado como sinônimo de ensaio comportamental enquanto técnica que favorece a modelagem e ampliação de classes de respostas durante a sessão (Calais & Bolsoni-Silva, 2008; Otero, 2004). Entende-se que a partir desse uso seja possível modelar de forma colaborativa entre terapeuta e cliente os repertórios que sejam funcionalmente equivalentes (Bolsoni-Silbva *et al*., 2010; Goldiamond, 1974/2002), através da oportunidade de reproduzir padrões de interação tal como acontecem com os interlocutores e temas encontrados no ambiente natural. O presente trabalho procura demonstrar que, para além da aplicação com objetivo de modelagem de respostas, a técnica de *role-playing* ao ser associada às perguntas e manejos de realização de análise funcional, atendeu ao objetivo de facilitar a promoção de autoconhecimento dos clientes.

Boas et al. (2005), em um estudo piloto do procedimento de treino de comportamentos socialmente habilidosos a partir de técnicas comportamentais, apresentaram como resultados que os universitários relataram superação de dificuldades a partir da aplicação de habilidades sociais, além de ganhos de autoconhecimento, resultando na redução de sintomas de ansiedade. No presente trabalho, a aplicação analítico-comportamental da técnica de *role-playing* diferenciou-se pelo enfoque dado à facilitação da realização da análise funcional pelos clientes, espe-

cialmente quanto às variáveis funcionalmente ligadas aos problemas relatados, para que posteriormente fosse possível e significativa a discriminação de comportamentos alternativos a serem desenvolvidos na continuidade do processo terapêutico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados, pode-se identificar a aplicabilidade do *role-playing* ou ensaio comportamental enquanto técnica que pode subsidiar e facilitar a realização de análises funcionais como condição para o início do desenvolvimento de repertórios funcionalmente equivalentes, que substituem de forma mais adaptativa e socialmente habilidosa os comportamentos identificados como queixa na avaliação comportamental. Essa conclusão parece útil especialmente no caso de clientes com baixo repertório de autoconhecimento e repertórios socialmente habilidosos para os problemas interpessoais, como no caso dos clientes do presente estudo. Nesses casos relatados, observa-se que o maior ganho terapêutico com a associação das técnicas provavelmente tenha sido a análise funcional de contingências relacionadas à descrição das queixas, as quais anteriormente não eram discriminadas pelos clientes como parte de seu comportamento.

Em resumo, procurou-se demonstrar que uma importante contribuição da associação da análise funcional à técnica do *role-playing* seria a facilitação para clientes de baixo repertório de autoconhecimento estabelecerem relações funcionais que envolvam suas queixas e possibilidades de mudança.

Algumas variáveis do processo terapêutico talvez possam ser consideradas para o alcance dos resultados. Provavelmente, a associação entre *role-playing* e análise funcional tenha ocorrido de modo produtivo com relação aos objetivos terapêuticos em função de os clientes já apresentarem indicativos de vínculo entre si e com as terapeutas antes da sétima sessão ilustrada, o que pode ser definitivo para aceitação à exposição exigida pelas técnicas.

Enquanto possíveis lacunas do presente estudo, encontram-se algumas variáveis metodológicas, como o número reduzido de sessões do procedimento de intervenção, bem como a análise dos dados a partir de relatórios parafraseados das sessões em vez de transcrições literais. Nesse sentido, é importante considerar questões não respondidas por esse delineamento, como, por exemplo, em que medida o procedimento de associação entre técnicas de *role -playing* e análise funcional seria eficaz em terapia com grupos maiores ou em terapia individual.

Próximas pesquisas poderiam priorizar maior controle metodológico, por exemplo, em um delineamento experimental no qual diante do mesmo tipo de queixa emprega-se a combinação das técnicas com um grupo enquanto com outros clientes usa-se cada uma das técnicas separadamente, para que com a mensuração dos resultados se possa verificar com maior previsão a efetividade do uso das técnicas separadamente ou associadas.

REFERÊNCIAS

Banaco, R. A. (1999). Técnicas cognitivo-comportamentais e análise funcional. Em R. R. Kerbauy, & R. C. Wielenska (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva da reflexão teórica à diversidade na aplicação,* vol. 4, pp.75-82. Santo André: ARBytes.

Bandeira, M. & Quaglia, M.A.C. (2005). Habilidades sociais de estudantes universitários: identificação de situações sociais

significativas. [On line] *Interação*, *9*(1), 45-55. Disponível:http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/3285/2629 Recuperado de 12 de abril de 2011

Bandeira, M.; Quaglia, M. A. C.; Bachetti, L.S.; Ferreira, T. L. & Souza G. G. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, *locus* de controle e auto-estima em estudantes universitários. [On line] *Estudos de Psicologia*, *22*(2), 111-121. Disponível:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0103166X2005000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Recuperado de: 21 de fevereiro de 2011.

Bauermeister; J.J.; So, C.Y.C.; Jensen, P.S.; Krispin, O & Din; A.S.E. (2006). Development of adaptable and flexible treatment manuals for externalizaing and internalizing disorders in children and adolescents. *Revista Brasileira de Psiquiatria; 28*(1), 67-71.

Boas, A.C.V.V.; Silvares, F. F. & Bolsoni-Silva, A.T. (2005). Descrição de efeitos de um procedimento de intervenção em grupo com universitários: um estudo piloto. [On line] *Interação em Psicologia*, *9*(2), 323-332. Disponível: http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/4784/3672 Recuperado de 21 de fevereiro de 2011.

Bolsoni-Silva, A.T (2002). Habilidades Sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. [On line] *Interação em Psicologia*, *6*(2), 233-242. Disponível:http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/3311/2655 Recuperado de 15 de março de 2010.

Bolsoni-Silva, A.T. (2007). Intervenção em grupo para pais: descrição de procedimento. [On line] *Temas em Psicologia*, *15* (2), 217-235. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2007000200007&lng=pt&nrm=iso Recuperado de 15 de março de 2010.

Bolsoni-Silva, A.T. (2009a). Habilidades sociais de universitários: Procedimentos de intervenção na perspectiva da análise do comportamento. In: R. C. Wielenska (Org.), *Sobre comportamento e cognição*: *Desafios, soluções e questionamentos*, vol. 23, pp. 21-52. Santo André: ESETec.

Bolsoni-Silva, A.T. (2009b). *Como enfrentar os desafios da Universidade*. São Carlos: Suprema.

Bolsoni-Silva, A.T. & Carrara, K (2010). Habilidades Sociais e Análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológica. [On line] *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, *16* (2), 330-350. Disponível: http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.16789563.2010v16n2p330/1941 Recuperado de 25 abril de 2011.

Bolsoni-Silva, A.T, Loureiro, S.R., Rosa C.F & Oliveira, M.C.F.A. (2010) Caracterização das habilidades sociais de universitários. [On line]*Contextos Clínicos*, *3* (1), janeiro-junho. Disponível: http://www.contextosclinicos.unisinos.br/index.php?e=5&s=9&a=75 Recuperado de 25 de fevereiro de 2011.

Calais, S.L. & Bolsoni-Silva, A.T. (2008) Alcances e limites das técnicas comportamentais: algumas considerações. Em: Cavalcante, M.R. (Org.) *Análise do Comportamento – avaliação e intervenção*. São Paulo: Roca

Cunha, J. A. (2001) *Manual da versão em português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dal-Ben, C. M.; Vilela, J. A. A.; Crippa, J. A. S.; Labate, C. M.; Zuardi, A. W. (2001) Confiabilidade teste-reteste da Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV (SCID) versão clínica. [On line] *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 23 (6), 156-159. Disponível: http://www.scielo.br/pdf/rbp/v23n3/a08v23n3.pdf. Recuperado de 25 de fevereiro de 2010.

Del Prette, A. & Del Prette Z.A.P. (1999/2001)**.** *Psicologia das Habilidades Sociais – Terapia e Educação*. Petrópolis. Vozes Editora.

Del Prette, A. & Del Prette, Z.A.P. (2003) No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. [On line] *Estudos de Psicologia*, *8*(3), 413-420. Disponível: http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19963.pdf Recuperado em 23 de outubro de 2010

Del Prette, A., Del Prette Z.A.P. & Barreto, M.C.M (1999) Habilidades sociales em la formatición professional del psicólogo: análisis de un programa de intervenção. *Psicologia Conductual*, *7*(1), 27-47.

Del Prette, Z.A.P.& Del Prette, A. (2010) Habilidades Sociais e Análise do Comportamento: proximidades históricas e atualidades. [On line] *Perspectivas em Análise do Comportamento. 1* (2), 104-115.Disponível: http://www.revistaperspectivas.com.br/files/104-115_RP_2010_01_02.pdf. Recuperado de 23 de fevereiro de 2011

Del Prette, Z.A.P.; Del Prette, A.; Barreto, M.C.M.; Bandeira, M; Rios-Saldaña, M.R.; Ulian, A.L.A. O; Gerk-Carneiro, E.; Falcone, E.M.O. & Villa, M.B. (2004). Habilidades sociais de estudantes de Psicologia: um estudo multicêntrico. [On line] *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *17* (3), 341-350. Disponível: http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a07v17n3.pdf. Recuperado de 05 de abril de 2010

Donadone, J. C. & Meyer, S. B. (2005). Orientação e auto-orientação em atendimentos de terapeutas analítico-comportamentais experientes e pouco-experientes. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *7* (2), 219-229. Disponível em: http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=15175545&lng=pt&nrm=iso Recuperado de 05 de abril de 2010.

Goldiamond, I. (1974/2002). Toward a constructional approach to social problems: Ethical and constitutional issues raised by applied behavioral analysis. [On line]. *Behavior and Social Issues, 11*, 108-197. (Original publicado em 1974). Disponível: http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/bsi/article/viewFile/92/117 Recuperado de 05 de Abril de 2010.

Guilhardi, H. J. (1987) Método Científico e Prática Clínica. Em: H.W. Lettner & Bernard P. R, *Manual de Psicoterapia Comportamental*. São Paulo: Manole.

Hayes, S.C. & Follette, W.C. (1992). Can functional analysis provide a substitute for syndrome classification? *Behavior Assessment* , pp. 345-365.

Magalhães, P. P., & Murta, S. G. (2003). Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: Um estudo pré-experimental. [On line]. *Temas em Psicologia, 11*(1), 28-37. Disponível: http://www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art03_a.htm Recuperado de 17 de março de 2010.

Meyer, S. B. (2003). Análise funcional do comportamento. Em: C. E., J. C. Luiza, H. H. N. Sant'Anna (orgs.), *Primeiros passos em análise do comportamento e cognição*, pp. 75-91. Santo André: ESETec.

Micheletto, N. (2000). Bases filosóficas da noção de relação funcional. [On line]. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *2* (2),115-121. Disponível: http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=15175545&lng=pt&nrm=iso Recuperado de 25 de fevereiro de 2010

Neno, S. (2003). Análise Funcional: Definição e aplicação na Terapia Analítico-Comportamental. [On line] *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *5* (2), 151-165. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151755452003000200006&lng=pt&nrm=isoRecuperado em: 26 de fevereiro de 2010

Otero, V.R.L. (2004). Ensaio Comportamental. Em: Abreu, C.N.; Guilhardi, H.J.(orgs.). *Terapia Comportamental e Cognitivo-Comportamental: práticas clínicas,* pp. 205-214.São Paulo: Roca.

Owens, R. G. & Ashcroft, J. B. (1982). Functional analysis in applied psychology. [On line] *British Journal of Clinical Psychology*, *21*, 181-189. Disponível:http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7126931 Recuperado de 26 de fevereiro de 2010.

Pacheco, P., & Rangè B. (2006). Desenvolvimento de habilidades sociais em graduandos de Psicologia. In M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette, & A. Del Prette (Orgs.) *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal.* pp.199-216, São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ribeiro, D.C.; Bolsoni-Silva, A.T. (2011). Potencialidades e dificuldades interpessoais de universitários: estudo de caracterização. *Acta comportamentalia, 19*, (2), 205-224. Disponível: http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/28027 Recuperado de 26 de setembro de 2011.

Samson, D. M. & McDonnell, A. A. (1990). Functional analysis and challenging behaviours. *Behavioural Psychotherapy*, *18*, 259-271

Skinner, B.F. (1953/1989). *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes.

Sturmey, P. S. (1996). *Functional Analysis in Clinical Psychology*. England: John Willey & Sons.

Vandenberghe, L. (2002). A prática e as implicações da análise funcional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 4 (1),* 35-45. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452002000100005&script=sci_arttext Recuperado de 25 de março de 2011

Ulian, A. L. A. O. (2007). *Autocontrole: o ensino da análise funcional como instrumento de intervenção em comportamentos impulsivos*. Anais do XII Encontro da ABPMC.

Webster-Stratton, C. & Herbert, M. (1993). What really happens in parent training? *Behavior Modification, 17,* (4), 407-456.

Recebido em 28 de fevereiro de 2012
Devolvido em 25 de junho de 2012
Aceito em 27 de agosto de 2012